

Proposição artística: *Ambulantes*, Cia. Arte Negus (SP)

Crítica em processo

Por Beth Néspoli

Desde tempos remotos artistas mambembes percorrem territórios diversos apresentando seu trabalho, quase sempre vivendo em instável equilíbrio entre o feijão e o sonho. São seres assim que parecem inspirar os criadores de *Ambulantes*, espetáculo de rua da Cia. Arte Negus, apresentado na programação da Aldeia Guaná, no Sesc Arsenal, em Cuiabá (MT).

Dos dramaturgos gregos patrocinados nos festivais trágicos à trupe de Molière abrigada na corte do rei, frequentemente artistas arriscam privilégios para criticar o poder. Irreverência que costuma ser ainda mais contundente na arte dos que se apresentam em ruas e praças, uma gente que tradicionalmente ocupa lugar marginal no sistema econômico, em todas as épocas. Por isso, surpreende o teor da poética de *Ambulantes*.

Sob direção de Abel Saavedra, a dupla Augusto Figliaggi e Elaine Guarani atua na linha da comicidade clássica advinda da dupla de clowns augusto e branco, o atrapalhado e o mandão. A atriz encarna o primeiro, chamado Ououou, e chega no espaço de apresentação puxando uma imensa carroça enquanto ele, o Figura, senta na arquibancada e dá instruções sobre a melhor posição para estacionar o veículo.

Após essa cena de abertura, os tradicionais traços distintivos vão se borrando, talvez porque ordens e tapas da parte dele, e muita tolice nela, poderiam soar sexista, conservadorismo machista. Se fosse o inverso, ela a mandona, ele o parvo, talvez o trabalho ganhasse mais liberdade cômica.

Figura e Ououou se anunciam como vendedores e desde a música inicial demonstram firme disposição de convencer o público a comprar os maravilhosos produtos que trazem na carroça. Artistas de rua e mascates ocupam lugar semelhante na base da pirâmide social e podem ainda

compartilhar verve cômica e/ou talento retórico para atrair o olhar do outro. Mas as semelhanças param por aí.

Enquanto o artista busca se descolar do cotidiano amesquinhado pelas tarefas funcionais e de uma ordem baseada na acumulação de bens e na perseguição ao lucro, o vendedor está mergulhado nesse universo, é parte dele, seus valores são mercantis.

O artista de rua almeja, ou deve almejar, dar de presente ao espectador um momento de suspensão da rotina e das preocupações que as tarefas do dia a dia impõem. Busca essa qualidade de intervenção mesmo quando seu olhar crítico se volta para os atos mais cotidianos ou quando busca a contundência crítica. Em troca de um momento de poesia ou riso, passa o chapéu, e a contribuição é fruto do entendimento de que ele precisa sobreviver, mas o que criou, não tem preço.

Inquieta, no entanto, o modo como o espetáculo *Ambulantes* reforça na sua linguagem cênica aquilo que deveria ser alvo de crítica: o pensamento arraigado de que tudo é comprável, todo bem simbólico pode ser traduzido em algumas moedas. Quase toda a ação do espetáculo se resume a pedir ao espectador que expresse um sonho para em seguida vender uma bugiganga qualquer que, garantem Figura e Ououou com lábia de vendedores, fará daquele sonho uma realidade.

A comicidade repousa no modo como apresentam a nacionalidade de origem de cada produto por meio de números clássicos do circo, como o faquir com barbas, turbante e pernas falsas que assume posições bizarras com sua maleabilidade inumana. O problema reside no modo como cada um desses números tem sempre o objetivo claro e determinado da venda de algo.

Durante a apresentação era possível imaginar a situação de um pai ou mãe que estivesse se debatendo contra o consumismo, doença contemporânea da qual as crianças também são vítimas, e, por isso, em vez de levar os filhos ao shopping tivesse decidido levá-los para ver aquele espetáculo. E eis que se

veem diante de uma situação em que a cena estimula a aquisição de bens e os filhos – como ocorreu na plateia de *Ambulantes* – solicitassem a compra dos objetos oferecidos pela dupla.

Num dado momento, Ououou decide dar todo as suas economias para o Figura realizar um sonho que ela, desajeitada, teria estragado. O gesto seria exemplar no que diz respeito à solidariedade e desprendimento. Ocorre, no entanto, que a questão de fundo se mantém, ou seja, o sonho pode ser realizado desde que se tenha dinheiro.

O reforço de um sistema de valores que só beneficia os poderosos não parece ser o desejo dos criadores de *Ambulantes*. Se o ponto de vista expresso neste texto tiver alguma validade, talvez a identificação afetiva e generosa com os mascates de todas as épocas tenha fragilizado a capacidade crítica da dupla sobre o próprio trabalho. É uma hipótese.

- *Texto escrito em oficina de crítica no âmbito do projeto Cena em Questão, no Sesc Arsenal (Cuiabá-MT), a partir da programação da Aldeia Guaná, no período de 13 a 17/9/2016.*